

O LIVRO DIDÁTICO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA: UM ESTUDO DE CASO¹

Denise de Oliveira Alves²

RESUMO - Procuramos investigar neste trabalho a interação que se estabelece entre o professor de Geografia e o livro didático. Embora o termo interação implique em mútuas influências, a ótica aqui utilizada privilegia a ação do professor. A investigação procura captar, em um mesmo momento, o movimento que ele faz ao analisar e utilizar o livro didático, pois o refletir e o fazer não podem ser desvinculados na prática pedagógica. Em sua praticidade, o livro didático fornece o conteúdo a ser trabalhado, indica a dosagem em relação à faixa etária, capacidade cognitiva dos alunos, explicita o método e as técnicas de ensino a serem utilizadas. A lógica da escolha aponta, ainda que implícitamente, para um assumir de visão de mundo, de concepção de educação, de currículo e de Geografia. Esses eixos nortearam a investigação que procurou detectar na prática pedagógica dos professores de Geografia, da rede pública de Várzea Grande, sua postura quanto à adoção, análise e utilização de seu instrumento de trabalho.

ABSTRACT - Our Research tries to investigate the interaction which exists between the Geography teacher and the didactic book. Although the meaning of the word interaction suggests mutual in-

¹ - A pesquisa de campo foi realizada em novembro de 1992.

² - Profa. MsC. - Depto de Geografia/ICHS/UFMT

fluences, the approach here in use, favours the teacher's action over his pedagogic instrument. The investigation tries to consider in the same moment, the movement done by the teacher when analysing and using the didactic book, since reflecting and acting can not be kept apart in the pedagogic practice. The didactic book in its workability supplies the contents to be worked, indicates the dosage respecting the age, the cognitive capacity of the students, expresses the method and the teaching technics to be used. The choice logic leads, yet not expressly, to an assumed world view, conception of education, curriculum and Geography. Those research axes guided the investigation, which tried to detect in the pedagogical practice of the Geography teachers from the public schools in Várzea Grande city, their position about the adopting, analysing and using their working tool.

INTRODUÇÃO

Objetivamos nessa pesquisa, apresentada como dissertação de mestrado, em março de 1995, refletir sobre a interação que se estabelece entre o professor de Geografia e o livro didático que utiliza.

O livro didático tem sido acusado de exercer sobre o professor uma ditadura, (MOLINA, 1984) mas em sua prática pedagógica ele pode assumilo, negá-lo, ou utilizá-lo criticamente (PESSOA,

1986). Na situação ensino-aprendizagem educador e livro didático trocam mútuas influências que não se restringem ao momento vivido, mas que nele concretizam toda uma antecedência plena de contradições. Os conflitos começam no momento da escolha, nem sempre antecedida de preparo prévio, e cujos critérios acabam passando ao largo da fundamentação teórica e metodológica inerente à disciplina e ao fazer pedagógico. A facilidade de acesso via Fundação de Auxílio ao Estudante (FAE), o menor custo, são considerações que, entre outras, por seu aspecto prático, influenciam e às vezes determinam a tomada de decisão.

A uma análise apressada segue-se uma utilização insatisfatória. Nem sempre o livro escolhido respalda teoricamente o professor. Mais ainda, os procedimentos metodológicos subjacentes a sua organização e mesmo aqueles sugeridos como proposta para a ação pedagógica não encontram correspondência em sua postura, em sua visão de mundo.

Ainda que assolado por dúvidas e conflitos, mas sobrecarregado por uma carga horária excessiva, baixos salários, péssimas condições de trabalho, o docente vê no livro didático a tábua de salvação para o exercício de sua função.

Em sua praticidade o livro fornece o conteúdo a ser trabalhado, indica a dosagem em relação à faixa etária e à capacidade cognitiva dos alunos, explicita o método e as técnicas de ensino a serem utilizadas.

A lógica da escolha aponta, ainda que implicitamente, para um assumir de visão de mundo, de concepção de educação, de currículo e de Geografia.

A recorrência dessa situação, induz-nos a indagações, também constantes, a respeito da postura do educador quanto à análise que faz do livro que escolheu: ele acha necessário adotar um livro didático? Ele tem consciência de que sua escolha remete a uma visão de mundo que pode ser explicitada por uma determinada concepção de currículo? Mediante critérios que lhe fossem apresentados, como ele analisaria seu instrumento de trabalho? A utilização demonstra coerência com a análise feita?

Reconhecemos que nossa visão de mundo se antepõe à percepção do problema. Ela advém da prática pedagógica vivenciada numa sociedade capitalista que tem como valor maior a acumulação e onde a educação entra como contribuinte para a maximização dos lucros. Uma significativa parcela desses lucros é conseguida através da mercadoria livro didático.

Enquanto mercadoria ele exerce seu fetiche sobre o professor para quem tem inegável valor de uso. Porém sua realização depende de seu valor de troca e transcende a sala de aula em movimentos externos que estabelecem conexões com o Estado-*locus* do poder e a indústria cultural-*locus* da produção e, conseqüentemente, da acumulação.

Esses movimentos tanto internos quanto externos são plenos de contradições. Desvelá-los contribui para a compreensão do papel do livro didático na educação. Na inviabilidade de exauri-los, centramos nossa atenção no livro, enquanto valor de uso, em sua interação com o professor.

Ante a multiplicidade de determinações que tornam real, ou seja, dão concretude a essa interação, colocou-se a necessidade de optarmos por um momento como que de quebra do objeto, a fim de que o mesmo pudesse ser analisado. Por isso, a ótica aqui privilegiada é a do educador, e a investigação procura captar, em um mesmo momento, o movimento que ele faz ao analisar e utilizar o livro didático, pois que o refletir e o fazer não podem ser desvinculados na prática pedagógica.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As perguntas colocadas nortearam o alçar dos vãos teóricos e o retorno ao ponto de partida. Foi necessário buscar na bibliografia respaldo para uma conceptualização de educação, currículo e livro didático, este último referenciado ao ensino de Geografia.

No retorno ao concreto, foi necessário impor uma aparente paralisação ao movimento do pensamento, instituindo um momento de quebra do real para melhor analisá-lo.

Consideramos importante para o alcance de nosso objetivo estabelecer uma determinada forma de captação de dados, consciente de que essa forma não pode ser, em si mesma, "*monopólio desta ou daquela matriz ideológica*" (HAGUETTE, 1990, 175). Os dados foram coletados através de um questionário elaborado, aplicado e tratado à luz de cuidados que fazem parte do patrimônio científico comum, gestado ao longo da história da humanidade (DEMO, 1990, 135).

A pesquisa proposta elegeu a categoria livro didático como ponto de partida para investigação, numa ótica que privilegia a análise e utilização feita pelo professor. Esse momento de interação foi quebrado em particularidades explicitadoras das relações que o professor estabelece com seu instrumento de trabalho.

Optamos por uma amostragem intencional, tendo em vista a dimensão do universo a ser pesquisado: professores de Geografia que lecionavam de 5ª a 8ª série, no período diurno, nas escolas da rede pública de Várzea Grande, num total de 30 professores.

Após uma entrevista inicial com os docentes, elaboramos um questionário para coleta dos dados. A maioria das questões foi apresentada em perguntas fechadas, embora alguns itens terminassem em alternativas abertas para não tolher a liberdade de respostas dos participantes. Das 29 questões propostas, as seis iniciais versaram sobre a qualificação do docente e sua posição quanto à adoção do livro didático. Nos blocos seguintes

buscamos investigar sua postura quanto à análise (7 a 15) e utilização (16 a 27) que faz do mesmo.

Além do questionário, fizemos uma entrevista com o superintendente no sentido de esclarecer questões sobre a população alvo e suas condições de trabalho.

O PROFESSOR DA REDE PÚBLICA DE VÁRZEA GRANDE E O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA

No intuito de organizarmos de forma mais compreensível a análise, ela foi ordenada em três segmentos principais: o perfil do professor e suas condições de trabalho; adoção do livro didático: sim ou não; o professor: sua análise e utilização.

O PERFIL DO PROFESSOR E SUAS CONDIÇÕES DE TRABALHO

O primeiro bloco de perguntas do questionário e respectivos subitens viabilizaram a qualificação dos entrevistados permitindo delinear seu perfil e inferir um pouco de suas condições de trabalho.

A amostra constou basicamente de pessoas do sexo feminino (73%) numa faixa etária entre 26 e 35 anos de idade (64%).

Em que pese tratar-se de estudo de caso e o pequeno tamanho da amostra, percebemos que a dinâmica dos processos sócio-econômicos vigentes em Mato Grosso nela se faz presente.

A crescente subordinação do espaço mato-grossense aos interesses do capitalismo nacional e internacional implicou, entre outros aspectos, em intensos movimentos populacionais (MORENO).

O ano de 1980 representa o ápice da curva que retrata o aumento de população nas unidades consideradas. Os dados para 1991 já demonstram uma desaceleração no incremento populacional. O percentual atingido por Várzea Grande (324%) em 80 superou em muito o do Estado (90,14%) e o de Cuiabá (111,2%). O declínio no ritmo de crescimento para 91 também é significativo, tanto no Estado (78,03%) como em Cuiabá (89%), mas principalmente em Várzea Grande (111%).

Embora os atrativos e incentivos para migração estivessem calcados no setor primário, o que pode ser confirmado pela participação das pessoas de sexo masculino no total da população, a lógica do capital acabou determinando a concentração de população nos núcleos urbanos, palco das atividades terciárias.

A exemplo do Estado, ainda que em mínima proporção, o efetivo numérico de homens em Várzea Grande é maior que o de mulheres. Isto pode ser explicado pela maior concentração de

indústrias naquela cidade, atraindo contingentes de mão-de-obra, principalmente, masculinos.

O grande afluxo populacional implicou num incremento da demanda sobre os serviços educacionais, o que pode ser percebido pela entrada de um maior número de profissionais no ensino.

Quase a metade (45%) do pessoal engajado no ensino entra na função em 80, ano em que os fluxos populacionais atingem seu máximo. O número de pessoal atuante na década de 70 (9%) sugere um contingente menor de educandos. A maré regressiva na população da década de 90 parece começar a repercutir no menor índice de professores (37%) que entram em atividade nos últimos cinco anos.

Além das inferências quanto à dinâmica da população, outras podem ser feitas sobre as condições de trabalho do professor, na amostra.

Percebemos que a concentração de professores no ensino da Geografia (69%) está referida aos últimos cinco anos, parecendo indicar uma movimentação dos professores em direção a esta disciplina.

A explicação pode estar no fato de que muitos começam sua carreira de magistério nos níveis I a IV. Uma vez imersos nas lides docentes, frequentemente, optam por continuar seus estudos no 3º grau, como forma de garantir o acesso aos níveis finais da carreira. As licenciaturas, então, se configuram como uma opção viável e necessária. No caso específico da Geografia, ela é a única ofe-

recida no período noturno pela Universidade Federal de Mato Grosso, o que potencializa seu grau de atração sobre o aluno trabalhador.

Mais da metade dos professores (64%) têm sua formação em Geografia, e os demais pulverizam-se em várias outras formações (Licenciatura curta em Estudos Sociais, Licenciatura Plena em História, Licenciatura Plena em Ciências Sociais, Magistério, Educação Moral e Cívica).

Na amostra considerada, pelo menos um docente admitiu ter apenas o 2º grau, o que não é compatível com a legislação vigente. Isto pode ser explicado pelo desestímulo dos profissionais habilitados frente aos baixíssimos salários. Por outro lado, entre a possibilidade de deixar os alunos sem aulas e a perspectiva de um professor, ainda que sem formação específica, o colégio prefere optar pela segunda alternativa.

Quanto à remuneração, a situação financeira dos docentes é precária. No ápice da escala estão os efetivos, com 4 salários mínimos, com curso superior. Os menores valores são percebidos por interinos ou por aqueles com menor jornada de trabalho (1 salário mínimo).

Se em termos salariais os professores só podem contabilizar perdas, no que concerne à jornada de trabalho houve algumas conquistas.

Em Mato Grosso são computadas na carga horária total, além da regência, as horas gastas no preparo das aulas de acordo com o que se denominou hora-atividade. Como a hora-aula é inferi-

or a sessenta minutos, dividir ao meio a carga horária implica em assumir um número maior de turmas. Na amostra, 46% dos docentes têm entre 8 e 12 turmas, o que é compatível com o fato de 55% deles trabalharem em regime de 40 horas semanais.

Mesmo lecionando um máximo de 12 turmas num regime de 40 horas, as condições de trabalho do professor e, conseqüentemente, a qualidade do ensino podem não ser das melhores.

Acontece que a disciplina Geografia, via de regra, é lecionada em apenas duas aulas semanais. Por serem poucas as aulas e, muitas vezes, pequeno o número de turmas por escola, os professores, para completar a carga horária, vêm-se obrigados a completá-la com outras disciplinas. (História, OSPB, Moral e Cívica, Português, Ensino Religioso, Educação Artística, Ciências, Programa de Saúde).

Segundo entrevista o com superintendente (1992), a disciplina Ensino religioso é assumida por opção pessoal, geralmente resultante de uma vivência religiosa. Já a imposição das demais disciplinas reflete a falta de mão-de-obra específica.

ADOÇÃO - SIM OU NÃO

Apenas 59% dos investigados admitiram adotar um livro didático. Considerando o pequeno tamanho da amostra, houve uma quase pulveri-

zação de indicações, com algumas concentrações mais significativas em torno de poucos nomes.

O livro didático mais adotado é o de Arsênio Sanches e Francisco Geraldo, seguido de perto pelo de Melhen Adas. Os autores José William Vessentini e Vania Vlach, Elian Alabi Lucci, Celso Antunes ocupam posição mediana entre os mais e os menos citados.

Já com menor número de indicações aparecem os autores: Vital Darós, Muricy Domingues, Lucy Imaculada Alves em produção conjunta, Horácio Marques. No final da escala estão os autores Igor Moreira, Luiz Carlos Nogarolli, Ubaldo Monteiro.

Entre os motivos arrolados para não adoção sobressaiu o "uso vários". Contudo a entrevista com o superintendente, mostrando a precariedade do processo de escolha e distribuição dos livros, permite inferir que a resposta "uso vários" talvez não indique uma decisão soberana, mas sim a contingência de usar o que lhe vem à mão. A maioria dos entrevistados admitiu que o livro didático não coincide integralmente com seu programa e isto pode estar relacionado ao pequeno número de exemplares em sala.

Com tão poucos livros em sala é pouco provável que o professor se anime a segui-lo integralmente, preferindo, talvez, encontrar outras alternativas que viabilizem a aprendizagem.

Voltando às perguntas que motivaram a pesquisa, especificamente àquela: O professor sente

necessidade de adotar um livro didático? Entendemos que seria reducionismo de nossa parte admitir vê-la respondida com a análise de algumas tabelas.

Contudo, percebemos pela amostra que os docentes estão divididos quanto a essa posição.

Considerando a precária condição de escolha e distribuição (entrevista com o superintendente) e também a baixa representatividade do livro entre os alunos, parece-nos que o professor não tem muito como optar, mas, sim, adaptar-se a uma situação que ainda não conseguiu transformar.

O PROFESSOR E O LIVRO DIDÁTICO: ANÁLISE E UTILIZAÇÃO

Embora em nível de organização do instrumento de pesquisa, as perguntas sobre análise e utilização tenham sido colocadas seqüencialmente, entendemos que o pensar e o fazer não têm como ser dissociados na prática pedagógica. O professor que analisa e elege é o professor que usa e, na utilização, vê seus critérios reforçados ou negados.

Muitos educadores têm-se preocupado com o estabelecimento de critérios para escolha e uso do livro didático. Alguns detalham características, estipulam pontuação, elaboram tabelas a serem preenchidas no sentido de facilitar a seleção, en-

tre eles, Mattos (1957, 31-34), Silva (1961, 59-58) Pfromm Neto (1974, 36-46). Outros procuram elencar uma gama de critérios que cubram variados aspectos a serem considerados quando da análise do livro sem definir hierarquias ou estabelecer valorações quantitativas; entre eles, Oliveira (1986, 64-88) e Azevedo (1990, 43-47), que trabalham especificamente critérios para análise de livros de Geografia.

Com relação aos esquemas de análise propostos pelos autores mencionados, observamos que eles comungam as mesmas preocupações. Embora variem na abordagem, no valor que atribuem à quantificação, via de regra, sugerem avaliações à luz de critérios como: autor, conteúdo, metodologia, linguagem, ilustrações, aspectos materiais.

Sem fugir à regra geral, Azevedo (1988, 41-46) propõe critérios de avaliação para escolha do livro didático de Geografia. Embora não seja um trabalho inovador, ela centra sua argumentação na importância desses aspectos, especificamente, para seleção do instrumento de trabalho do professor de Geografia, elencando os seguintes itens: conteúdo, metodologia, linguagem, ilustrações, cartografia, atividades propostas ou trabalhos práticos, impressão gráfica, discutindo cada uma dessas sugestões.

Após examinar propostas de seleção e análise de livros didáticos sugeridos por vários autores, optamos por elaborar nosso instrumento de pesquisa à luz das proposições de Azevedo (1988,41-6).

Ressaltamos que não seguimos integralmente sua proposta, excluindo, por exemplo, o item "características físicas do livro". Os livros da rede pública são gratuitos e dificilmente um bom livro deixará de ser aceito por seu papel ou impressão, principalmente porque não há tanta diferença entre ele e os demais nesse aspecto.

Não foi nosso objetivo fazer análises a críticas dos livros mencionados. Preferimos deixar falar o professor.

Na impossibilidade de exaurirmos todas as análises, mencionaremos algumas delas. Ressaltamos a clara percepção que têm os usuários de Muricy sobre o livro que usam. Ele não traz as bases da ciência geográfica, não tem rigor científico e é desarticulado. Essas respostas parecem indicar um professor crítico, insatisfeito e cerceado em sua prática pelo instrumento que utiliza.

Entre os usuários do livro de Vesentini, temos indicações para vislumbrar dois tipos de postura. O professor adepto da Geografia tradicional que usa um livro inadequado aos seus pressupostos teórico-metodológicos e o professor crítico que encontra nele respaldo para sua prática pedagógica.

De maneira geral os professores parecem satisfeitos com o auxílio que lhes prestam as figuras no sentido de facilitar a aprendizagem. Vale a pena mencionar a satisfação do usuário do livro de Ubaldo Monteiro, um livro com apenas três

figuras, não coloridas, mas que esclarecem e são relacionadas ao texto.

Entretanto, entendemos caber aqui algumas ressalvas no que concerne à eficácia do próprio instrumento de pesquisa e para tanto tomamos como exemplo o livro de Elian Alab Lucci.

Temos que concordar com a análise feita pela maioria de que elas são atualizadas. Contudo, algumas observações, não viabilizadas pelas respostas fechadas do questionário, poderiam também ser feitas: há figuras em número excessivo por páginas, às vezes toda a metade inferior da folha está ocupada por elas. Além disso, o texto não se estende por toda a página deixando, em uma ou outra lateral, larga margem de 6 cm, às vezes ocupada por figuras, outras são apenas longas tiras brancas.

A representação cartográfica do que há e ocorre na natureza e na sociedade ocupa boa parte da produção geográfica. Os mapas permitem imobilizar para maiores estudos a dinâmica dos processos que desenham a Geografia da natureza e da sociedade. São por isso instrumentos de trabalho essenciais para o bom desempenho da atividade pedagógica.

Quanto à utilização dos mapas, os dados indicam uma concentração em torno da resposta positiva, permitindo inferir que eles fazem parte do cotidiano da prática pedagógica do professor. Contudo essa conclusão precisa ser relativizada frente a outras informações coletadas. Quando

argüidos sobre assuntos do livro, não trabalhados, a maioria afirma excluir as noções de geodésia e cartografia, patenteando dificuldades nessa área.

Algumas análises parecem-nos não encontrar respaldo no livro mencionado. A exemplo disso, há consenso positivo sobre os exercícios do livro de Elian Alab Lucci, embora o professor admita usar alguns deles.

Temos dificuldade em acatar essa posição, considerando que os exercícios desse livro requerem um mínimo de habilidades, raramente excedendo o nível de conhecimento.

Entre os usuários do livro de Celso Antunes predomina a análise negativa dos exercícios, completada pela utilização de apenas alguns. A nosso ver o autor traz exercícios bem elaborados que têm condições de viabilizar o espírito crítico e o desenvolvimento dos alunos. Parece-nos que os exercícios demandam dos alunos uma criticidade que não é exatamente a tônica do livro e nisso pode residir alguma tensão.

Há consenso entre os usuários do livro de Vessentini. Concordamos com os docentes da amostra, pois parece-nos haver coerência entre a proposta crítica do autor e as solicitações que faz aos alunos. A causa para o desinteresse dos discentes talvez possa ser encontrada fora do âmbito de influência do livro.

Em que pese a existência de bons livros, não querendo dizer com isso que os professores devam a eles se sujeitar, percebemos que a tônica do

trabalho docente, na amostra, recai sobre o questionário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao final de um segmento de nossa trajetória, na investigação da interação entre o professor e o livro didático. Não é possível considerá-la como acabada, antes reconhecemos que sua finitude é apenas aparente, uma vez que algo da problemática em questão foi desvelada, mas muito dela permanece oculta, à espera de futuros movimentos do pensamento.

As questões desencadeadoras da pesquisa abriram leques de respostas com ampla possibilidade de análise. Foram muitas as informações coletadas. Inicialmente, consideramos a possibilidade de centrarmos nossas atenções em apenas alguns aspectos, exaurindo-os de forma mais radical. Mas a totalidade é mais do que a soma das partes. Perderíamos a visão do todo de uma prática pedagógica que não se restringe ao palmilhar de algumas vertentes, antes, desdobra-se em múltiplas interações.

Várzea Grande, a partir dos anos 80, foi palco de intensos movimentos populacionais. Atraídos pelas poucas indústrias locais, parte dos fluxos migratórios para o Estado fixaram-se naquela cidade. Isto sobrecarregou o setor de prestação de

serviços, entre eles, a educação. Que a demanda não foi satisfatoriamente resolvida se depreende da existência de quatro turnos em algumas escolas.

Nesse contexto trabalha o professor de Geografia, possivelmente, muito deles, migrantes também. Seu salário é miserável, a sobrecarga de trabalho foi em parte amenizada pela horatividade (quando efetivo), mas a qualidade do ensino pode ficar prejudicada pelo amplo leque de disciplinas, pelas quais pode, eventualmente, se dividir.

A amostra estava dividida quanto à adoção do livro didático, boa parte dos professores não o faz (41%). Acreditamos que a explicação para o fato é circunstancial. A distribuição dos livros é irregular e insuficiente, e isto parece ecoar na baixa representatividade deles entre os alunos.

Ficou patenteado que a utilização do livro não é integral. Emergiu, claramente, a figura do questionário, interpondo-se como catalisador entre o livro didático e o professor. Esse aspecto deveria merecer maiores considerações que não foram previstas na elaboração do instrumento de investigação.

Reconhecemos que na pequena amostra a mercadoria livro didático assume conotações específicas. Em se tratando de estudo de caso, os resultados obtidos apenas a ela pertencem, mas o manancial de dúvidas e os questionamentos dela

aflorescentes têm repercutido em nossa prática pedagógica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPLE, M.W. - 1979 - Ideologia e currículo. Tradução de Carlos Eduardo Ferreira Carvalho. São Paulo, Brasiliense.

_____ - 1985 - Educação e poder. Porto Alegre, Artes médicas.

ANDRADE, M.C. de.- 1989 - Caminhos e descaminhos da Geografia. Campinas, Papirus.

AZEVEDO, G.G. de. - 1988a - Análise crítica do ensino da Geografia e a formação do profissional de Geografia no Brasil. Revista Geografia e Ensino, Belo Horizonte, (2) 8:3-29, ago.

_____ - 1988b - Algumas reflexões sobre o ensino da Geografia e a questão do livro didático. Geografia e Ensino, Belo Horizonte, (3) 9:41-4.

_____ - 1985 - MEC. FAE. Programa Nacional do Livro Didático. A nova escolha do livro didático. Brasília, (folheto).

COLESANTI, M.T. de M. - 1984 - O ensino da Geografia através do livro didático de 1890 a 1971. Rio Claro, UNESP. (Dissertação de mestrado).

- DEMO, P. - 1990 - Dialética e qualidade política, in Tereza Maria Frota Haguette (org.) Dialética hoje. Petrópolis, Vozes.
- FREITAG, B.; COSTA, W.F.; MOTTA, V.R.; - 1989 - O livro didático em questão. São Paulo, Cortez.
- LAKATOS, E.M. & MARCONI, M.de A. - 1982 - Técnicas de Pesquisa. São Paulo, Atlas.
- LEFÈBVRE, H. - 1969 - Lógica formal e lógica dialética. 2 ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- MATTOS, L. A. - 1957 - Seleção e avaliação de livros didáticos in Escola secundária, Rio de Janeiro, (2):29-34, set.
- MAZZOTTI, M.A. - 1986 - O livro didático como categoria de investigação da realidade escolar. São Carlos, UFSCAR, (Dissertação de mestrado).
- MOLINA, O. - 1984 - O professor e o livro didático. Boletim do Departamento de Didática. Araraquara, 3(3):5-60.
- MORENO, Gislaene. Mato Grosso: o processo migratório. (mimeo) [s.n.t.]
- OLIVEIRA, A.de L.de. - 1986 - O livro didático. 3 ed. rev. aum. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- PESSOA, F.O. - 1986 - O livro e o professor in Biologia, nº 2, São Paulo, USP.

PFROMM Netto, S. Rosamilla, N; DIB, C. Z. - 1974 -
O livro na educação. Rio de Janeiro, Primor.

SILVA, S. - 1961 - Como julgar livros didáticos;
formulário para julgamento de livro. Boletim
do Centro de Estudos Roberto Monge, São
Paulo, 6(23/24): 59-58.

VARISO, Z. da C.M. - 1982 - O livro didático - esco-
lha e uso. Interação, Rev. Fac. Educ. UFG, 6(1-
2): 158-165.